
AO VIVO
EDUCADORES
CRIAR



AS CORES PROVOCAM-NOS EMOÇÕES E REJUVENESCEM--NOS, DEFENDE SUSAN FISCHER. NO SEU ATELIÊ UNBOX COLOR, EM LISBOA, A ARQUITETA FAZ CONSULTORIA DE CORES E ESTÁ A TORNAR AS PAREDES DAS CASAS PORTUGUESAS MENOS ABORRECIDAS.

TEXTO
CLARA SILVA

FOTOGRAFIA
ED ROBINSON

DEPOIS de pintar a sala de jantar num tom terracota, o coração de Susan Fischer começou a bater mais depressa. "Ao terceiro dia acalmou", conta a *color consultant* de 44 anos, com alívio. "Foi aí que pensei: adoro esta cor. As cores provocam-nos reações físicas, emoções."

Há quatro anos, quando começou a estudar a importância das cores, a sua vida mudou. A começar pelas divisões da casa, até então demasiado brancas. O teto do corredor, por exemplo, já foi pintado três vezes – "e a casa é arrendada", ri-se. Na Unbox Color, a loja/ateliê que Susan abriu em novembro no Príncipe Real, em Lisboa, só a sanita da casa de banho continua branca.

As paredes e o teto do pequeno espaço foram pintados com as cores que mais lhe lembram a cidade: o azul do céu, e o amarelo e rosa que sobressaem dos prédios da vizinhança. Uma tendência provavelmente contrária ao que acontece no resto do mundo, já que "oitenta por cento das fachadas a nível mundial foram, o ano passado, cinzentas", refere.

No entanto, quando se mudou para Lisboa, a consultora reparou que, apesar da aparência colorida, os interiores das casas eram "neutros ou muito brancos". "Será que as pessoas têm medo da cor?", pensou na altura. "Será que não sabem usá-la? Ou não se importam?"

Talvez por isso, os clientes que procuram os seus serviços de aconselhamento – para casas particulares ou negócios – sejam, ainda hoje, maioritariamente estrangeiros. "Não moram em Portugal, mas compraram uma casa aqui que é toda branca e querem introduzir cor", explica.

Antes de se formar nesta área numa escola de design do Canadá, Susan trabalhou em vários países. Formou-se em arquitetura em Santiago do Chile, a sua terra natal, viveu no Reino Unido e fez voluntariado com o marido junto da comunidade cigana na Albânia e num navio, "para cá e para lá". O casal veio para Portugal em 2015 para apoiar outra ONG, a Serve The City, "com pessoas sem-abrigo". Pouco depois, lançavam uma marca de azulejos autocolantes para decoração, a NossaRua. "Fiz sete coleções baseadas nos desenhos portugueses, mas com variações de cor", conta Susan. Os azulejos venderam-se em lojas de turismo e no Museu do Azulejo, além das vendas online na Amazon, que continuam. É um negócio que "funciona sozinho".

Só mais tarde a arquiteta fundou a empresa de consultoria de cor, em março de 2020, a coincidir com o início da pandemia. Se noutros países já era uma profissão comum, por cá poucos sabiam o que era uma *color consultant*. "Mas havia interesse. Principalmente de designers de interiores."

Antes de ter a loja, que funciona por marcação, Susan encontrava-se com clientes em cafés para mostrar as paletas de cores das marcas que representa, por exemplo a britânica Little Greene ou a americana Benjamin Moore. Agora, já trabalha com mais de uma dezena de marcas, incluindo nacionais, e ainda com materiais como cortiça ou microcimento com cor.

Numa primeira abordagem, a consultora costuma fazer um questionário para tentar perceber a relação dos clientes com determinada cor e assim chegar à escolha certa. "Vejo também a luz natural e artificial [da casa], os elementos arquitetónicos, se já há mobiliário escolhido ou obras de arte. Alguns [clientes] levam obras de arte de um lado para o outro e vejo se posso apanhar algum tom."





O verde tem sido uma das escolhas mais populares. "Está provado que nos ajuda a conectar com a nossa essência, com a natureza e é ótimo para a saúde mental", explica. "Tenho pintado imensos escritórios. Também ajuda muito na concentração, é um *winner* [vencedor]."

Além de fazer parte da Associação Portuguesa da Cor, que fomenta a investigação e através da qual acaba de organizar uma exposição em parceria com a Santo Infante na Fabrica Features, em Lisboa, Susan costuma dar minicursos de dois dias onde, entre outros aspetos mais direcionados a designers e arquitetos, também aborda a simbologia da cor. O próximo curso será em abril, e em setembro chega a segunda edição da Color Story, um retiro criativo de quatro dias em Palmela, organizado com a designer Elizabeth Olwen. "O objetivo é descobrir quais são as cores da infância de cada pessoa e como usá-las agora. Também é uma imersão em cada cor do arco-íris, na psicologia das emoções."

No ano passado participaram 17 pessoas de sete países e o retiro teve direito não só a uma *color party* como a um *color buffet*. "A cor ajuda-nos a rejuvenescer", garante Susan. "Até porque para gostares assim tanto de cor tens de ter uma alma um bocadinho mais infantil."

UNBOX COLOR
RUA CECÍLIO DE SOUSA, 20 A
PRÍNCIPE REAL, LISBOA
ABERTO POR MARCAÇÃO: 967 428 568
UNBOXCOLOR.COM

Só mais tarde a arquiteta fundou a empresa de consultoria de cor, em março de 2020, a coincidir com o início da pandemia. Se noutros países já era uma profissão comum, por cá poucos sabiam o que era uma *color consultant*. "Mas havia interesse. Principalmente de designers de interiores."

Antes de ter a loja, que funciona por marcação, Susan encontrava-se com clientes em cafés para mostrar as paletas de cores das marcas que representa, por exemplo a britânica *Little Greene ou a americana Benjamin Moore.* Agora, já trabalha com mais de uma dezena de marcas, incluindo nacionais, e ainda com materiais como cortiça ou microcimento com cor.

Numa primeira abordagem, a consultora costuma fazer um questionário para tentar perceber a relação dos clientes com determinada cor e assim chegar à escolha certa. "Vejo também a luz natural e artificial [da casa], os elementos arquitetónicos, se já há mobiliário escolhido ou obras de arte. Alguns [clientes] levam obras de arte de um lado para o outro e vejo se posso apanhar algum tom."



O verde tem sido uma das *esco*
populares. "Está provado que nos
a conectar com a nossa essência, co
natureza e é ótimo para a saúde
explica. "Tenho pintado im